

Anexo 1

O nome próprio é mais que um signo ou um significante: ele é um texto

Sem dúvida, o nome, antes de mais nada, é uma palavra que tem um cunho bastante peculiar. [...] Não podemos aceitar a idéia simplória e cartesiana de que o nome é somente um sinal que marcaria o outro, como um estímulo qualquer. Ele ultrapassa essa visão reducionista.

Dentro de um berçário, um neófito pode pensar que 'todos os bebês' são iguais. Ledo engano. Os humanos se afligem em logo tentar distinguir aquele corpo, o bebê, com uma marca distintiva, seja uma camisola, um bracelete com um número, um colar, ou então um nome: traço pretendidamente definitivo. É certo que esta marca servirá para o chamamento e identificação daquele pequeno ser humano. No entanto, o nome próprio transborda de muito esta perspectiva de servir somente para referência do sujeito. Em breve ele passará a construir o cerne daquilo que o sujeito mais preza: o seu próprio Eu.

Assim por vezes ocorre em um berçário, ou nos primeiros momentos de vida da criancinha, alguém decidir que o bebê se chamará Antônio, ou José, ou Maria, ou Dagoberto, por ter a cara de Antônio, José, Maria ou Dagoberto. Isto implica reconhecer a existência de um pensar que motiva tal afirmação. [...] Assim, um nome nada tem de fortuito ou de natural. Ele é sempre fruto de uma elaboração virtual daquele que pensa ter a criança cara de Antônio, José, Maria, Dagoberto...

Logo que alguém resolve chamar o recém-nascido Dagoberto, porque o garotinho tem 'cara de Dagoberto', poderíamos interrogar o mesmo a fim de que ele vá além desta resposta a tiracolo. Nesta hora, Dagoberto pode tornar-se não somente um signo que envia a um referente, mas a outros signos, a uma rede de associações de idéias que atravessam aquele que nomeia.

Anexo 2

How a Girl Got Her Chinese Name

On the first day of school the teacher asked me:
What do your parents call you at home?
I answered: Nellie.
Nellie? Nellie?
The teacher stressed the l's, whinnying like a horse.
No such name in Chinese for a name like Nellie.
We shall call you *Nah Lei*
which means *Where* or *Which Place*.

The teacher brushed my new name,
black on beige paper.
I practiced writing *Nah Lei*
Holding the brush straight, dipping
the ink over and over.

After school I ran home.
Papa, Mama, the teacher says my name is *Nah Lei*.
I did not look my parents in the eye.

Nah Lei? Where? Which Place?
No, that will not do, my parents answered.
We shall give you a Chinese name,
we shall call you *Lai Oy*.

So back to school I ran,
announcing to my teacher and friends
that my name was no longer *Nah Lei*,
not *Where*, not *Which Place*,
but *Lai Oy*, *Beautiful Love*,
my own Chinese name.
I giggled as I thought:
Lai Oy could also mean *lost pocket*
depending on the heart
of a conversation.

But now in Chinese school
I was *Lai Oy*, to pull out of my pocket
every day, after American school,
even Saturday mornings,
from Nellie, from *Where*, from *Which Place*
to *Lai Oy*, to *Beautiful Love*.

Between these names
I never knew I would ever get lost.

Anexo 3

Trechos dos PCNEM

Não há linguagem no vazio; seu grande objetivo é a interação, a comunicação com um outro, dentro de um espaço social, como, por exemplo, a língua, produto humano e social que organiza e ordena de forma articulada os dados das experiências comuns aos membros de determinada comunidade lingüística. (p. 125)

A organização do espaço social, as ações dos agentes coletivos, normas, os costumes, rituais e comportamentos institucionais influem e são influenciados na e pela linguagem, que se mostra produto e produtora da cultura e da comunicação social. [...] (p. 126)

O exame do caráter histórico e contextual de determinada manifestação da linguagem pode permitir o entendimento das razões do uso, da valoração, da representatividade, dos interesses sociais colocados em jogo, das escolhas de atribuição de sentidos, ou seja, a consciência do poder constitutivo da linguagem. [...] (p. 127)

Na escola, o aluno deve compreender a relação entre, nas e pelas linguagens como um meio de preservação da identidade de grupos sociais menos institucionalizados e uma possibilidade de direito às representações desses frente a outros que têm a seu favor as instituições que autorizam a autorizar. (p. 130)

A visão de mundo de cada povo altera-se em função de vários fatores e, conseqüentemente, a língua também sofre alterações para poder expressar as novas formas de encarar a realidade. Daí ser de fundamental importância conceber-se o ensino de um idioma estrangeiro objetivando a comunicação real, pois, dessa forma, os diferentes elementos que a compõem estarão presentes, dando amplitude e sentido a essa aprendizagem, ao mesmo tempo em que os estereótipos e os preconceitos deixarão de ter lugar, e portanto, de figurar nas aulas. (p. 152)

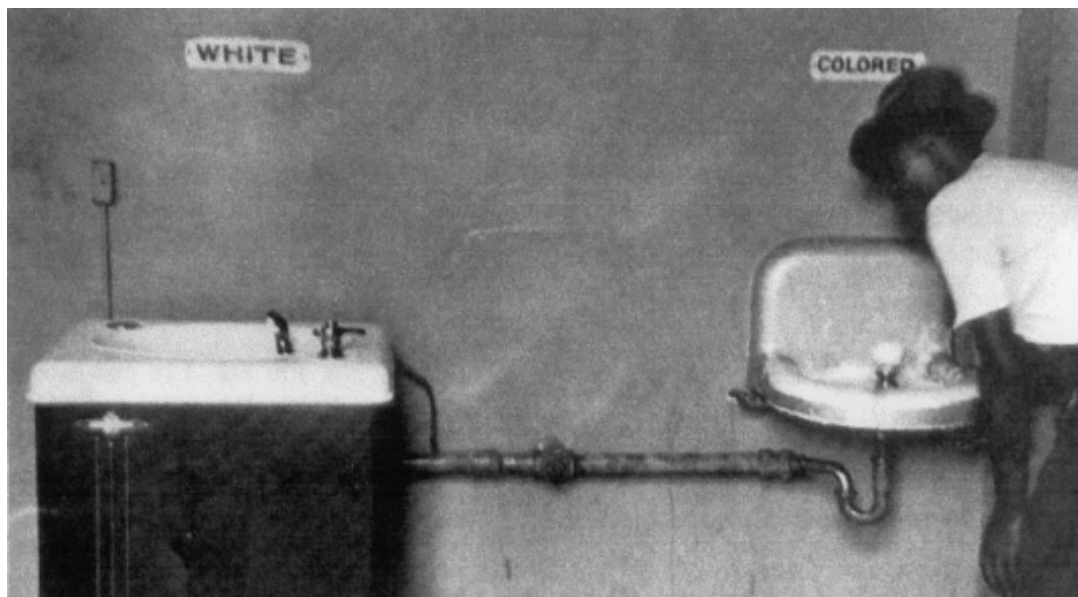
Anexo 4

My Name

In English my name means hope. In Spanish it means too many letters. It means sadness, it means waiting. It is like the number nine. A muddy color. It is the Mexican records my father plays on Sunday mornings when he is shaving, songs like sobbing. It was my great-grandmother's name and now it is mine.

She was a horse woman too, born like me in the Chinese year of the horse – which is supposed to be bad luck if you're born female – but I think this is a Chinese lie because the Chinese, like the Mexicans, don't like their women strong. My great-grandmother, I would've liked to have known her, a wild horse of a woman, so wild she wouldn't marry until my great-grandfather threw a sack over her head and carried her off. Just like that, as if she were a fancy chandelier. That's the way he did it. And the story goes she never forgave him. She looked out the window all her life, the way so many women sit their sadness on an elbow. I wonder if she made the best with what she got or was she sorry because she couldn't be all the things she wanted to be. Esperanza, I have inherited her name, but I don't want to inherit her place by the window. At school they say my name funny as if the syllables were made out of tin and hurt the roof of your mouth. But in Spanish my name is made out of a softer something, like silver, not quite as thick as sister's name Magdalena which is uglier than mine. Magdalena who at least can come home and become Nenny. But I am always Esperanza. I would like to baptize myself under a new name, a name more like the real me, the one nobody sees. Esperanza as Lisandra or Maritza or Zeze the X. Yes. Something like Zeze the X will do.

Anexo 5



Fotos do livro de Rob Nolasco, *Streetwise* (Intermediate).
Oxford, Oxford University Press, 1996.

Anexo 6

Women in Society

Women are a "mistake". They are silly and superficial, with no depth or intelligence. They are only interested in trivial things, not "serious matters". They are full of empty, meaningless chatter. Their main purpose in life is to look decorative and appealing to men. They are home-makers, men are wage-earners. They are the property of their husbands.

Less than 100 years ago, this was the kind of prejudice that forward-thinking women were still up against.

As children, middle-class women would learn to cook, sew, keep house and perhaps to sing and play a musical instrument. They had to attract a good husband, of course. He would ask the woman's father for permission to marry her and she would be handed over from one man to another, like a parcel. There were few "respectable" jobs that women could do. They could look after other people's children or teach. Singing and acting were considered immoral.

Rob Nolasco, *Streetwise* (Intermediate).
Oxford, Oxford University Press, 1996.

Anexo 7

Trechos de falas de dois adolescentes americanos negros, com idades entre 15 e 16 anos. Ambos freqüentam a escola em Manhattan mas moram em Brownville, região do Brooklyn, uma das mais pobres da cidade de Nova York. Seus nomes são Arnold 'Fats' Brathwaite e Delroy 'Dee-Money' Ellis. (As palavras em negrito constam do glossário, no final do texto.)

About the use of jewelry and gold tooth caps:

Fats. The gold tooth was first brought out by Brooklyn, alright, so all your **uptown niggers to get off of it**. The jewelry represents, you know, that you got money and it's all about truth, that you just **be chillin'** the most.

Dee-Money. **Check it out**, this is how it goes. I go to work, get paid and get my money, so I can **chill**, you know what I'm saying, know what I mean? I work in a shoe store. [...]

You know, they (whites) think 'cause, you know, we black, man, we poor an' everything. [...]

About the use of the word 'nigger':

Fats. It's just a word we say, just to catch his attention. We all know we're black, we just don't mean nobody no harm. We just be sayin' it just to be sayin' it. It's just another word.

About whites calling blacks 'nigger':

Fats. See, they can't call us that, you know what I'm sayin'? 'Cause see when they call us that they ' just tryin' **to be down**.

Revista *Speak Up*, São Paulo, Globo, June/1991.

Glossário

uptown (adj.) do Harlem.

nigger (gíria) termo pejorativo (a não ser nesse contexto) para indicar pessoa negra.

to get off of it copiar (expressão dialetal).

to be chill ser o mais legal, o mais bacana (expressão dialetal).

check it out (gíria) veja isso.

to chill exibir-se; mostrar-se legal, bem arrumado.

to be down ser ofensivo (expressão dialetal).

Anexo 8

The Library Visit

He didn't know how far he had walked before he saw a stone building sitting on a hill. That was probably the library. It looked just like the one in Kansas City, grey and ugly. He walked quickly up the steps, studiously ignoring the white faces he passed. He walked to the desk. When the old woman looked up, her jaw dropped.

"What do you want?" she said sharply. "I'd like to apply for a library card," he said firmly.

"You can't come to this library," she said nervously.

Allen could feel his heart pounding as he noticed the white people in the library gathering a short distance away.

"Why not?" he said calmly.

"You just can't," the old woman said, more agitated. She had lowered her head and was busy stamping some cards on her desk.

"I would take proper care of the books." He spoke distinctly and evenly, betraying no emotion and being very careful not to sound colored, like his father.

"This is the white library," the old woman blurted out. "You people have your own library."

Allen hadn't known there was a colored library, but it didn't matter.

"But one does not have the wide choice of books there that are available here. And I think it's the duty of all Americans to be as fully educated as they can be. Don't you agree?"

The old librarian turned a deep red and refused to answer.

Just then a young white woman came out of a back office.

"May I help you?" she said pleasantly.

"Yes, I would like to apply for a library card and this woman told me I can't have one. I don't understand why. All I want to do is read."

"What are you interested in?" the young woman continued.

"Oh," Allen began eagerly, "I'd like to see if there is a biography of Winslow Homer. He's one of my favorite painters. And I'd also like the Thayer two-volume biography of Beethoven."

He was so sincere, but he was also trying to impress her.

"Well, Mrs Helms," the younger woman said, "since I know those books wouldn't be available at the colored library, I don't think we'd be breaking any rules if we let this young man have a card."

The old librarian was furious, but she only spluttered, "whatever you say, Mrs MacIntosh." (Adapted)

Anexo 1

...λοπαδοτέμαχοςσελαχογαλεο-
κρανιολειψανοδριμυποτριμματο-
σιλφιοπαραομελιτοκατακεχυμενο-
κιχλεπικοσσυφοφαττοπεριστερα-
λεκτρυονοπτεκεφαλλιοκιγκλοπε-
λειολαγωοσιραιοβαψητραγαν-
οπτερύγων.

Trecho de texto de Aristófanés (392 a.C.),
"Assembléia de mulheres", in H. J. Störig,
A aventura das línguas.
São Paulo, Melhoramentos, 1993, p. 76.

Anexo 2

Analizando um aplicativo

A vantagem que os projetos apresentam para o programador em *Visual Basic* é que um projeto é uma manutenção de registro de todo o conjunto de arquivos que compreendem um aplicativo. Quando você escreve o mais simples aplicativo *Visual Basic*, o VB cria um projeto para esse aplicativo para que, conforme cresça a funcionalidade do aplicativo, o projeto possa manter um registro de todos os arquivos relacionados com o projeto.

Greg Perry, *Visual Basic 5 – Aprenda em 24 horas*.
Rio de Janeiro, Sams Publishing Campus, 1977, p. 22.

Glossário

arquivo Informações guardadas de forma organizada em computador.

aplicativo Programa de computador.

Visual Basic Uma determinada linguagem de programação de computador.

registro Índice de informações.

funcionalidade Conjunto das funções do aplicativo.

projeto Conjunto de programas inter-relacionados.

Anexo 3

Trechos dos PCNEM

A linguagem é considerada aqui como a capacidade de articular significados coletivos e compartilhá-los em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. (p. 125)

O debate e o diálogo, as perguntas que desmontam as frases feitas, a pesquisa, entre outros, seriam formas de auxiliar o aluno a construir um ponto de vista articulado sobre o objeto em estudo. (p. 129)

O gostar ou não de determinada obra de arte ou de um autor exige antes um preparo para o aprender a gostar. [...] Neste caso, o aluno deixaria de ser um mero espectador ou reproduzidor de saberes discutíveis. Apropriando-se do discurso, verificaria a coerência de sua posição. Dessa forma, além de compreender o discurso do outro, ele teria a possibilidade de divulgar suas idéias com objetividade e fluência. (pp. 129-30)

A aprendizagem de Língua Estrangeira Moderna qualifica a compreensão das possibilidades de visão de mundo e de diferentes culturas, além de permitir o acesso à informação e à comunicação internacional, necessárias para o desenvolvimento pleno do aluno na sociedade atual. (pp. 131-2)

Anexo 4

For there are some who conceive in soul still more than in body; what is proper for the soul to conceive and bear, and who is proper? Wisdom and virtue and beauty in general – to this class belong all creative poets, and those artists and craftsmen who are said to be inventive. When man creates, he incarnates his soul into his creation; he leaves something newborn, something young in place of the old. By this device, Socrates, mortality partakes of immortality, both in body and in soul.

Plato, *Symposium*

Anexo 5

Uma possível tradução do texto do Anexo 4

Pois há alguns capazes de conceber na alma ainda mais do que no corpo; o que é próprio para a alma conceber e produzir, e quem é capaz de fazer isso? A sabedoria, a virtude e a beleza em geral – a essa categoria pertencem todos os poetas criativos, e aqueles artistas e artesãos considerados inventivos. Sempre que alguém cria alguma coisa, põe sua alma na própria criação; deixa algo fresco e novo no lugar do velho. Desse modo, Sócrates, o que é mortal passa a ser também imortal, tanto no corpo como na alma.

Anexo 6

One in Four Doctors Is now a Woman

Women doctors are a growing force in American medicine.

About 120,000 U.S. physicians – nearly 25 percent of doctors – are women.

By the year 2010, the percentage of women doctors is expected to reach 30 percent. The number of female physicians tripled between 1975 and 1992 – and today more than 40 percent of all medical students are women, the University of Texas Lifetime Health Letter reports.

Arnon Hollander & Sidney Sanders in *Keyword*.
São Paulo, Moderna, 1997, p. 429.

Anexo 7

Ao falar de leitura/interpretação/compreensão de textos em Língua Estrangeira Moderna, vale a pena refletir sobre os seguintes aspectos, alguns deles claramente explicitados nos PCNEM:

- O que se deve ter como objetivo, em relação ao aluno do Ensino Médio, é que ele seja capaz, ao final do curso, de se sentir independente para aprender por si próprio. A idéia é habilitá-lo a aprender técnicas que facilitem o entendimento de textos, e não apenas fornecer-lhe informações específicas.
- A leitura feita na disciplina de Língua Estrangeira Moderna não deve ser apenas de caráter intelectual e metalingüístico: deve ser também um veículo de acesso a múltiplas informações e formas de conhecimento, além da própria língua. Outro objetivo não menos importante é proporcionar a leitura que ofereça lazer e diversão. Estar habilitado para “ler o mundo” é ser capaz de fazer uso e tirar proveito desses três tipos básicos de leitura.
- Conversas preliminares sobre o texto (adivinhar o assunto, *prediction*) e questões prévias sobre o tema (*pre-questions*) são técnicas de exploração de texto importantes e motivadoras.
- Técnicas de compreensão geral – *skimming* (quando corremos os olhos rapidamente pelo texto para perceber, por exemplo, a idéia principal a partir de palavras-chave, títulos e subtítulos) e *scanning* (quando percorremos o texto em busca de informações mais específicas, como gráficos, datas, tabelas, nomes, números, ilustrações, etc.) – são igualmente eficazes no trabalho de leitura e compreensão de textos.
- A língua materna, no caso o português, pode e deve ser usada como auxiliar da compreensão, por exemplo por meio do uso de palavras cognatas.
- Técnicas que focam a estrutura textual também devem ser empregadas:
 - *que palavras iniciam os parágrafos?*
 - *há título, subtítulos, ilustrações?*
 - *como separar informação essencial de informação complementar ou acessória?*
 - *como diferenciar argumentação de exemplificação / ilustração?*
 - *que vocabulário de origem anglo-saxônica é fundamental*

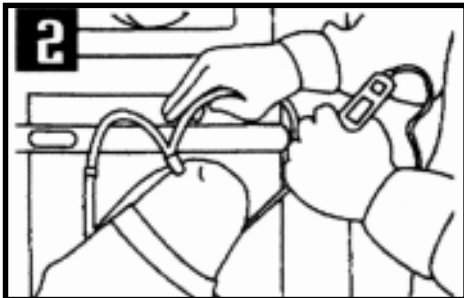
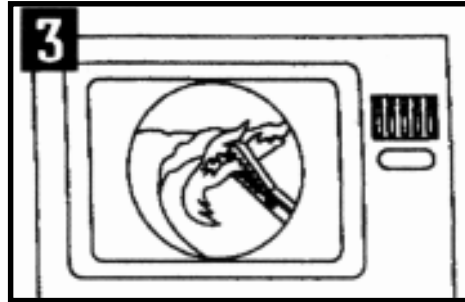
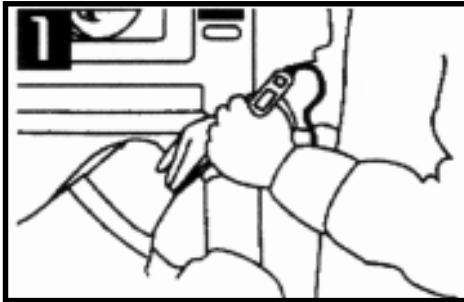
Anexo 7

para a compreensão do texto? Como pesquisá-lo? Que vocábulo(s) em português se ajusta(m) melhor ao sentido que se quer dar àquele contexto em língua estrangeira?

- Traduções longas de textos inteiros não levam a tipo algum de aprendizagem, nem devem ser usadas como recurso sistemático no ensino de Língua Estrangeira Moderna. Quando bem usada, a tradução é uma estratégia útil, que nos remete ainda à idéia de que outros recursos, além da língua verbal e escrita, podem e devem ser usados para suprir falhas na comunicação. Pensamos aí em outros tipos de 'tradução'.
- O foco central da leitura em língua estrangeira deve ser a comunicação e a produção de sentido.
- A leitura como parte do processo de aprendizagem em Língua Estrangeira Moderna deve ser vista dentro de uma perspectiva prática, interdisciplinar, e relacionada com contextos reais e de interesse para o aluno do Ensino Médio.

Anexo 8

Video Surgery



1. In video surgery, the doctor puts a small camera lens inside the knee.
2. The doctor inserts a tiny surgical instrument.

3. The lens sends pictures to a TV screen.
4. As he works, the doctor can see the inside of the knee and make accurate repairs.

Americans love sports – they love to play them, to watch them on television, and to talk about them. But this national pastime sometimes has serious consequences – at least for the players. People who play tennis year after year, for example, often develop “tennis elbow.” And it is easy to hurt a knee or shoulder in a soccer or football game. These injuries happen while the player is having fun, but they still hurt.

A few months ago, Kathleen Simmons injured her knee on a volleyball game. Her doctor told her to rest her knee and wear a bandage. Simmons, a sports writer for a city newspaper, loves to play volleyball. When her doctor’s advice did not work, she thought she would never play again.

Then Simmons learned about “video surgery.” With the help of video technology, doctors can now repair injuries and get people back on the playing field and back to

their jobs much faster. Simmons found a hospital that was using this new technology and made an appointment. Doctors there told her the surgery could help.

For the operation, her doctor put a very small camera lens inside her knee. The special lens sent back pictures, which appeared on a television screen. The doctor then inserted a tiny surgical instrument. As he worked, he could see the inside of Kathleen’s knee on the TV. With the help of the large picture on the screen, he was able to make very accurate repairs without opening her knee.

Simmons started walking five days after her operation. “My knee hurt a lot the first few days,” she reported. “But I felt better very quickly.” Now, six months after her operation, Simmons can do everything she did before her injury. “It feels like a new knee,” she said. “I can even play volleyball again.”

Anexo 9

Romantic Songs

This is the second time I'm writing you. As I've had some ideas about articles, I wanted to tell you them. Firstly, what about an article informing us about the brand-new bands that are smashing these days, and the ones which released great new hits? Another idea came into my mind. You could talk about penfriendship between people of different countries, and even among people who live in the same country. I have some penpals, and I can say it's a fun way to exchange culture and improve my English. Well, I'm also writing to send you some lyrics, How deep is your love, from Take That, for Ana Luiza Couto Menna. I agree with her, there's too much rock and you could tell us more about Mariah Carey, Laura Pausini, Take That, Gloria Estefan... and much more! I'm sure that lots of people would love it, as there are people who like rock, there are also those ones who like pop, romantic, and so on. Well, to take the opportunity, I'd like to ask for two lyrics: Because you love me, from Susanne Rye, and Machinehead, from Bush. I hope you can give me a hand! To finish, I'd like to say that I loved to see my letter published, and it won't be bad if you do it again!

Priscila Barreto, 12, Cultura Inglesa – Santo André.
In *Cultura Inglesa Magazine* n. 27,
ano VIII, março de 1997, seção "Letters", p. 19.

Anexo 10

Eurogestures show no sign of harmony



Tapping the nose: In England, Scotland and, strangely, Sardinia, this means, "You and I are in on the secret." But if a Welshman does it, he means, "You're really nosy."



The V sign: What Churchill meant was victory – but the same signal with the knuckles turned out is England's equivalent of the American middle finger.

Thanks to 1992 and all that, European countries are becoming all alike, aren't they? Well, yes and no. Teenagers in Bulgaria are at least trying to dress like kids in Britain. And if you have a bank account in Stuttgart, chances are you can withdraw money from an automated teller machine in Seville. But languages still build barriers, and gestures can be more troublesome yet. Desmond Morris author of *The Naked Ape* and of another book called *Gestures*, says some of Europe's hand signals emerged 2,000 years ago – and that details like the single market or the demise of communism are not about to change things.

A simple wave of the hand, a friendly greeting in most of the world, can be interpreted as a gross insult in Greece. Obscene gestures come in so many regional varieties that virtually any hand motion means something horrendous somewhere. And the codes can change from city to city... "Despite all the modern media, Naples's gestures are different from many in Rome, for instance," notes Morris. Another expert on body language, Oxford University psychologist Peter Collet, believes that culture-specific gesticulation will endure precisely because of the general trend toward unification. "We've got everybody espousing European unity, but at the same time there is this enormous rise of nationalism," he says. Newsweek offers this brief guide for the unwary.



Tapping the temple: Do this if you want to say someone or something is crazy almost anywhere in Europe – except in Holland, where the gesture means, "How clever!"



Thumb and index circle: America's "OK" sign means just that in much of Europe – though not in Germany, where it is an obscene anatomical reference.

Anexo 11



Running out of gift ideas?

Come to gifts.com. We've done a lot of the work for you. Looking at thousands of gifts. Returning the ones that are just so-so. Keeping the ones that are just perfect. Simply tell us about the person you're shopping for, and we'll tell you about some really terrific gifts. Gifts that will make you #1 in anyone's book



In *Reader's Digest*,
December/1999, p. 199.

Anexo 12

The Little Girl and the Wolf

One afternoon a big wolf was waiting in a dark forest for a little girl to come along carrying a basket of food to her grandmother. Finally a little girl did come along and she was carrying a basket of food.

“Are you carrying that basket to your grandmother?” asked the wolf. The little girl said yes, she was. So the wolf asked her where her grandmother lived and the little girl told him and he disappeared into the forest.

When the little girl opened the door of her grandmother’s house she saw that there was somebody lying in bed with a nightcap and a nightgown on. She was about twenty-five feet from the bed when she realized that it was not her grandmother but the wolf, for even in a nightcap a wolf does not look any more like your grandmother than Donald Duck looks like Mick Jagger. So the little girl took an automatic out of her basket and shot the wolf dead.

Moral: It is not so easy to fool little girls nowadays as it used to be.

Adapted from a fable by James Thurber,
in Valter Lellis Siqueira & Edson Leone Pellizzon in *Enjoy It*.
São Paulo, Atual, 1993, vol. 1, p. 48.

Anexo 13

THE FINAL BATTLE

We were losing the battle. Our King was old and weak and could hardly move. He was hiding just outside the castle walls. Of the three soldiers who had been appointed to protect him, two had been killed while on duty, and I was left alone.

From where I was standing, I had a good view of the battle. Fortunately for us, our Queen was young and active. Tall, dark, and very beautiful, she looked splendid out there on the battlefield with her knights at her side. She had fought with great courage and had already destroyed two enemy officers herself. Since we had lost so many men, it was difficult for her to attack. She therefore decided to do all she could to defend the King. I was shocked when I saw a lowly enemy soldier threatening her! He came up very close, but her brave knights sacrificed themselves to save her. Alone now, she was trapped by the enemy, and although she fought hard, she too lost her life. Great numbers of enemy officers and soldiers now descended upon us and soon destroyed the castle. Completely defeated, the King and I tried to run away together, but it was too late. As the King moved up behind me, I heard someone shout, "Checkmate!" The chess game was over.

L.G. Alexander & E. T. Cornelius Jr. *Exercises in Comprehension and Composition*. Longman, 1978, pp. 70-71.

In Israel Jelin, *English – A High School Coursebook*. São Paulo, FTD, 1995, p. 143.

Anexo 14

Einstein

He was a modern magician. His astonishing notions of space and time changed man's perception of the universe forever. He fathered relativity and introduced the atomic age with his formula $E = mc^2$.^{*} Yet his formidable reputation never spoiled his simple humanity. He spoke courageously against social injustice. In his later years, dressed in loose clothes, his white hair untidy, he helped youngsters with their geometry homework. He was an old man who still loved to sail, play Mozart on the violin, and write poems.

He died a little more than a quarter of a century ago, but there are few people who do not recognize the face or name of Albert Einstein.

The magnitude of Einstein's theories was not the result of his individual work. Others had worked before him and contributed to his formulations. One example is Copernicus, from whom we learned about the heliocentric theory. Kepler, who was a German physicist, provided a geometric description of the movement of the planets. Isaac Newton formulated the law of universal gravitation.

^{*} $E = mc^2$: energia é igual ao produto da massa pelo quadrado da velocidade da luz.

Anexo 1

There's a world of problems in Mrs. Campbell's class

And that's just the way she wants it.

To help her ninth grade Geography class understand how different countries and cultures cope with the difficulties of day-to-day living, Mrs. Campbell has her students "live off the economy" of various nations. Students assume the identity of someone in another country and, for one week, attempt to live as that person would – using the same food, shelter and clothing.



Through this experience, students gain a better understanding of the challenges facing other people around the world and a greater appreciation for the abundance produced by the American economic system. This, in turn, shows them the need for global responsibility; that wealthier nations can – and should – help other countries in need.

In recognition of her innovative and inspirational teaching techniques, State Farm is proud to present Linda Campbell with our Good Neighbor Award and to donate \$5.000 to Mountain Brook Junior High School in Mountain Brook, Alabama. Because teachers like her make a world of difference.

Readers Digest, August/1998.

Anexo 2

Trechos dos PCNEM

A opção por um trabalho dentro da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias procura considerar as intersecções que as linguagens estabelecem por sua natureza de articulação de significados culturais e sociais e função comunicativa. (p. 191)

A análise de outras linguagens como a televisual, a cinematográfica, a radiofônica e, a mais nova delas, a informática pode sugerir o encontro, cada vez mais propício, nos processos comunicativos, dos sistemas de linguagens. (p. 192)

Os usos das linguagens e seus códigos só são possíveis pela prática, mesmo que em situações de simulação escolar. O saber exige mais do que uma atitude de reprodução de valores. É o sentido da eficácia simbólica mediada pela linguagem, o conhecimento das redes de textos que se cruzam em constante transformação. (p. 192)

A proposta por área implica aceitar o caráter transdisciplinar da linguagem e a inter-relação dos sistemas de linguagens, sem perder a especificidade dos conceitos diretores das disciplinas e suas metodologias de pesquisa. Procura ainda provocar a integração horizontal e vertical dos conhecimentos trabalhados pela escola, à semelhança daqueles presentes no social. (p. 192)

Através da ampliação da competência sociolingüística como da competência comunicativa, é possível ter acesso, de forma rápida, fácil e eficaz, a informações bastante diversificadas. [...] (p. 152)

Anexo 3

The Pyramids of Egypt

Pyramids of Egypt, the oldest of the Seven Wonders of the World and the only one substantially in existence in modern times. There are numerous pyramids located throughout Egypt, but the best known lie along a 50-mile stretch of the Nile Valley west of the river near ancient Memphis



and date from the Old Kingdom (c. 2686-c. 2160 BC). The three great pyramids of Khufu, Khafre, and Menkaure at Giza are the most famous (that of Khufu being one of the largest buildings ever erected, ancient or modern), but other important pyramids are also located in this region, notably at Abu Ruwaysh, Abu Sir, Saqqarah, and Dahshur. Pyramids were also built at Lisht, Medum, el-Lahun, Hawara, and Mazghunah, but these are generally in poorly preserved condition. The pyramids were funerary edifices for Egyptian rulers, and most scholars agree that they were constructed so as to bring about a closer union between heaven and the deceased ruler.

Encyclopaedia Britannica, Micropaedia VIII, p. 321.

Giza, Pyramids of, three 4th-dynasty (c. 2613-c. 2494 BC) pyramids erected on a plateau on the west

bank of the Nile near al-Jizah, Egypt; they are included among the Seven Wonders of the World. The northernmost and oldest of the group was built by Khufu (Greek, Cheops), the second king of the 4th dynasty. Called the Great Pyramid, it is the largest of the three, the length of each side at the base averaging 775 $\frac{3}{4}$ ft and its original height being 481 $\frac{2}{5}$ ft. The middle pyramid was built by Khafre (Greek, Chephren), the fourth of the eight kings of the 4th dynasty; the structure measures 707 $\frac{3}{4}$ ft on each side and was originally 471 ft high. The southernmost and last pyramid to be built was that of Menkaure (Greek, Mycerinus), the sixth king of the 4th dynasty. Each side measures 356 $\frac{1}{2}$.

Encyclopaedia Britannica, Micropaedia IV, p. 561.

“Let your hands build, O people!”

urges an inscription carved nearly 3500 years ago on the rock-cut tomb of a high official at Thebes.

Build they did, the ancient Egyptians – beginning about 3000 b.C. and continuing with only periodic disruptions for more than three millennia. So prodigious were they, and so substantial their creations, that the valley of the Nile endures today as an open-air museum filled with pyramids and tombs, temples and chapels, obelisks and colossi.

To put up structures on the scale of the pyramids, the Egyptians had to mobilize, feed, and administer a huge labor force. Recent excavation of the graves of pyramid workers reveals that some were missing limbs or had damaged spines – the human cost of a national compulsion to glorify gods and deify the souls of kings.

Suplemento da revista *National Geographic*,
Janeiro de 1995.

Anexo 4

Notícia 1

Um exemplo de trabalho contextualizado e interdisciplinar está acontecendo na Escola Estadual Prof. José Fernandes Machado, em Natal (RN). A professora Vera Lúcia Sanches Cerchi realiza com seus alunos várias experiências contextualizando o ensino-aprendizagem de Física.

Uma dessas experiências tem como objetivo geral comparar conceitos teóricos da física moderna sobre energia com a energia solar, aproveitando um protótipo de aquecedor solar instalado na própria escola. São quatro etapas:

1. Medições de temperatura de 15 em 15 minutos e elaboração de um gráfico que relaciona tempo e temperatura.
2. Visita a uma empresa de irrigação a fim de comparar o aquecedor solar profissional com o protótipo da escola.
3. Elaboração de um projeto que mostra como a energia solar pode modificar a qualidade de vida de uma comunidade de baixa renda, que não tem os benefícios da energia elétrica. Do projeto, devem constar dados sobre o crescimento social, econômico e acesso aos meios de comunicação dessa comunidade.
4. Construção de um aparelho de energia solar que atenda às necessidades de uma hipotética comunidade de 28 famílias, com cinco membros cada, morando numa propriedade rural de um hectare para cada família. Nessa comunidade não há escola, transporte, posto de saúde nem orientação para os agricultores, que vivem da agricultura de subsistência, criação de pequenos animais e de algumas cabeças de gado.

A execução do projeto envolve professores de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Geografia, Informática, Desenho, História, Economia, Matemática, Química e Artes, além de profissionais e estudantes das áreas de Engenharia, Arquitetura, Saúde e Agricultura.



A professora Vera Cerchi conduz as experiências

Anexo 4

Notícia 2

Colégio Bandeirantes – São Paulo – 1º ano do Ensino Médio – Laboratório de Química

No 1º ano há dois temas principais de discussão: Saúde Pública (1º semestre) e Meio Ambiente (2º semestre).

Em Saúde Pública estudam-se, desde os procedimentos apropriados para a preparação de soluções, certos medicamentos etc., até a ação de agentes germicidas, como, por exemplo, o cloro e a água oxigenada, bem como algumas análises químicas que podem ser realizadas em remédios como controle de qualidade dos mesmos, entre outros assuntos. Durante o estudo de soluções iônicas e bebidas isotônicas foi realizado o “Projeto Hidrate-se”, juntamente com a área de Educação Física – na qual times de alunos jogaram handebol, consumindo alternadamente água mineral e uma bebida isotônica, para posterior comparação entre as duas bebidas.

O tema Meio Ambiente começou com alguns testes químicos realizados em diferentes amostras de água recolhidas pelos alunos, numa atividade extraclasse, com o posterior estudo de uma forma de tratamento de água. Em seguida, o estudo transfere-se para os poluentes do ar atmosférico, sendo que em cada aula há discussão de alguns tipos de poluente, entre eles os produtos da combustão do álcool e da gasolina, com testes realizados a partir de um motor a combustão, a chuva ácida formada a partir da reação entre gases poluentes e a água da chuva, as queimadas, a poluição causada pelo cigarro (e também os problemas que ele pode causar ao ser humano, fumante ativo ou passivo), a produção de alguns gases e possíveis reações entre eles no ar atmosférico.

Projeto Hidrate-se

Os alunos do 1º ano do Ensino Médio, nas aulas práticas de Laboratório de Química, discutem, no 1º semestre, assuntos relacionados à Saúde Pública. No 2º bimestre, os temas escolhidos para as aulas foram os produtos de



características ácidas e básicas, anti-ácidos como o Leite de Magnésia, o uso do cloro como germicida, a decomposição e a ação da solução de água oxigenada, a obtenção do sal de cozinha, entre outros.

Um dos temas, Bebidas Isotônicas, foi estudado com a identifica-

Anexo 4

ção prática da presença de íons nessas bebidas, pelo conceito de Condutibilidade Elétrica.

Como complemento às aulas de Laboratório de Química e Educação Física, foi desenvolvido um projeto de pesquisa sobre a necessidade da ingestão de bebidas isotônicas como repositores hídricos em atividades físicas de curta duração.

Os alunos do 1º ano foram convidados a participar de dois jogos de handebol, com a ingestão, alternadamente, de água mineral e um isotônico, sendo 200 ml do líquido antes e 200 ml depois de cada jogo. Nos dois dias os alunos responderam a uma pesquisa, com perguntas relacionadas à transpiração durante o jogo, sensação de boca seca e peso no estômago e satisfação após a ingestão do líquido. Além disso, indicaram um valor para a Escala de Borg, referente ao esforço realizado durante a atividade física.

Para a realização dessa pesquisa, a bebida isotônica utilizada foi o Energil C sabor maracujá.

Site do Colégio Bandeirantes na internet.

Anexo 4

Notícia 3

The best writing

Um sonho de liberdade is a great movie directed by Steven Spielberg a couple of years ago. It was a well recognized film and it won three Oscars: best actor, director and photography. It is really a great production.

The film is about a man who is in jail but is innocent. While in jail he fights for his liberty. He wants it back and deserves it. However, he needs a plan to get out of there. He must be smart. He must be careful. He must have his freedom back because his life is outside. You won't get away from the TV. And even at the end, you will be shocked with this movie and impressed by this wonderful story, its braveness and dream. Don't miss it!



Nathalia Federman, Pre-Intermediate, in *Today by Day*, ano 2, n. 3. Informativo do Day by Day – Curso de Inglês, São Paulo.

Anexo 4

Notícia 4

Os alunos do 2º ano do Ensino Médio do Colégio São Luís, em São Paulo, trabalharam nas aulas de Química e Inglês o texto abaixo, publicado na revista *Scientific American*, de fevereiro de 1999.

Breath of Fresh Liquid

Saving the sick by flooding their lungs

Scientific American, February/1999, page 23.

If, while wandering the corridors of C.S. Mott Children's Hospital in Ann Arbor, Michigan, you happened on a white-coated physician injecting an oversize syringe full of clear fluid into the air line of a dangerously sick infant, you might wonder whether it was Jack Kevorkian expanding his clientele. More likely, it would be Ronald B. Hirschl, a pediatric surgeon, filling the child's lungs with liquid in order to save the baby's life, not end it.

Hirschl and a handful of other specialists have given this counterintuitive treatment, called liquid ventilation, to some 270 adults and children in small-scale experiments over the past decade. The therapy seems able to rescue one quarter to one half of the patients who would otherwise die of respiratory failure, without causing any harmful side effects. But scientists cannot be sure of that until they put the technique through its first large-scale trial, which Alliance Pharmaceutical in San Diego launched last November.

Normally, of course, fluid in the lungs is a bad thing. In fact, many of the insults that frequently cause lungs to give out – shock, pneumonia, burns, gunshots – harm the organs by drowning them one tiny air sac at a time. “The clear part of the blood, known as plasma, leaks into the alveolar sacs,” explains Mark Wedel, who leads the liquid-ventilation project at Alliance. “Plasma is loaded with inflammatory messengers and clotting components. So that portion of the lung consolidates, leaving no room for air.” What is worse, these “microdrownings” happen where blood flow is heaviest, Wedel says. “So blood



SUBMERGED IN PERFLUBRON
*a mouse can breathe the oxygen
carrying fluid for hours without harm.*

Anexo 4

looking to dump its carbon dioxide and pick up oxygen tends to go to the sickest portion of the lung.”

Gases such as oxygen cannot displace the plasma and flush out the inflammatory agents, but a liquid could if it were dense enough. Enter perfluorocarbons: colorless, odorless fluids that are biologically inert, that evaporate in air but do not mix with water, that absorb oxygen and CO₂ but readily give it up and that are denser than water and most bodily fluids. In a famous experiment at the University of Alabama in 1966, Leland C. Clark, Jr., demonstrated that mice submerged in a perfluorocarbon would, after a few seconds of wide-eyed shock, begin breathing the liquid with no ill effects. Some doctors have hoped ever since that these chemicals could provide a gentler way to help people who cannot breathe for themselves than forcing high-pressure gas into their lungs. Progress was slow at first, Hirschl recalls, because “the initial approach was to try total liquid ventilation. There you use a special machine to oxygenate the liquid, remove CO₂ from it, warm it and infuse it into the lungs. It works fine,” Hirschl says, “but it requires advanced knowledge of flows and physiology, and it seemed rather radical to many people.”

About 10 years ago pulmonologists hit on a simpler approach: fill the lungs up with the drug to reopen the alveoli and then connect the patient to a conventional gas respirator. It is that combination approach that doctors at 45 hospitals will test on some 450 gravely ill adults over the next 18 months. Each participant will be randomly given a fill-up with Alliance’s medical-grade perfluorocarbon, a half-dose of the drug or traditional treatment. Doctors will continue to trickle perflubron, as the compound is called, down patients’ air tubes for up to five days, after which the fluid will simply evaporate away. If the trial works as well as a previous (but much smaller and less reliable) test completed last year, 35 to 40 people will survive who otherwise would not have. Alliance plans to initiate smaller tests on children and on newborn infants, who succumb to lung failure much more frequently than adults do, later this year.

Anexo 4

Notícia 5

T-Shirts in English



Esse pessoal que você está vendo aí na foto passou de três a quatro horas aqui no *Day by Day* tendo uma aula bem diferente: eles aprenderam uma técnica de pintura em tecido para pintar uma camiseta. O mais interessante de tudo isso é que a atividade foi desenvolvida todinha em inglês e ninguém sentiu o tempo passar.



Alunos do Ensino Médio de várias escolas de São Paulo.

Today by Day, ano 2, n. 3. Informativo do Day by Day – Curso de Inglês. SP.

Anexo 5

Adolescence

Adolescence is the period of life from the beginning of puberty to the attainment of adulthood. Although there are many individual differences, for girls adolescence begins at about age 12 and ends about age 21; for boys the age range is from about 13 to about 22. Puberty is that period of life during which the reproductive organs and secondary sex characteristics mature. In the female, it is usually considered that puberty begins with the first menstrual period, but this is not a very dependable criterion. For the male, it is more difficult to fix a specific time as indicating the beginning of puberty, but such conditions as the need for occasional shaving, the deepening of the voice, and the rapid growth of the external sex organs may be noted. Adulthood is achieved when the individual is not only physically mature but has sufficient practical wisdom, emotional stability, and social adjustment so that he can take his place in adult society.

Arnon Hollaender & Vidal Varella Filho in *What about Learning* – 1.
São Paulo, Saraiva, 1980, p. 68.

Anexo 1



Fotos publicadas na revista *Veja*.
Editora Abril, 26/4/2000.



Anexo 2

Conceber-se a aprendizagem de Línguas Estrangeiras de uma forma articulada, em termos dos diferentes componentes da competência lingüística, implica, necessariamente, outorgar importância a questões culturais. A aprendizagem passa a ser vista, então, como fonte de ampliação dos horizontes culturais. Ao conhecer outra(s) cultura(s), outra(s) forma(s) de encarar a realidade, os alunos passam a refletir, também, muito mais sobre a sua própria cultura e ampliar a sua capacidade de analisar o seu entorno social com maior profundidade, tendo melhores condições de estabelecer vínculos, semelhanças e contrastes entre a sua forma de ser, agir, pensar e sentir e a de outros povos, enriquecendo a sua formação. (PCNEM, p. 152)

Anexo 3



Amadeu Marques, in *Password*. São Paulo, Ática, 1999, p. 199.

Anexo 4

Minha mãe achava que o Brasil era um país de bárbaros. “Não vou de jeito nenhum! Deus me livre, com quem vou casar minhas filhas?”

Adrienne Fischman, filha de imigrantes húngaros.

Ao chegar à estação do Brás, foi um choque. Fomos ao porta-bagagens que parecia caótico. Quando vi tudo aquilo, pensei: “Volto a nado, se for preciso.”

Edith Gillon, imigrante romena.

Nosso plano era ficar uns cinco anos só! Porque ninguém sai assim, da sua terra, da sua família, da sua língua, para nunca mais voltar.

Maria Rifiotis, imigrante grega.

Marina Heck & Rosa Belluzo, *Cozinha dos Imigrantes – Memórias & Receitas*. São Paulo, DBA / Melhoramentos, 1998, pp. 203, 213 e 289.

Anexo 5



- a. On the evening of February 3rd, people in Japanese families take one dried bean for each year of their age and throw the beans on the floor, shouting "Good luck in! Evil spirits out!" This is known as "Setsubun," a time to celebrate the end of winter and the beginning of spring.
- b. Before the Chinese New Year, many Chinese families burn the picture of their kitchen god, Tsao Chen, to bring good luck. When New Year's Day comes, they put a new picture of Tsao Chen on the wall.
- c. When American women get married, they sometimes follow an old custom in choosing what to wear on their wedding day. The custom says the bride must wear "something old, something new, something borrowed, and something blue." This is to bring good luck.
- d. Before Lent (a time on the Christian calendar), the people of Ponti, Italy, eat an omelet made with 1,000 eggs. People cannot eat meat or dairy products during Lent, so they try to use up these things before Lent begins.
- e. When winter ends in Czechoslovakia, children make a straw man called "Smrt", which is a figure of death. Then they burn it or throw it in the river. After they destroy it, they carry flowers home to show the arrival of spring.
- f. January 17th is St. Anthony's Day in Mexico. It's a day when people bring their animals to church. But before the animals go into the church, the people dress them up in flowers and ribbons. This ceremony is to protect people's animals.

Anexo 6

Recentemente, o Deputado Federal Aldo Rebelo (PC do B – SP), visando proteger a identidade cultural da língua portuguesa, apresentou um projeto de lei que prevê sanções contra o emprego abusivo de estrangeirismos. Mais que isso, declarou o deputado, interessa-lhe incentivar a criação de um “Movimento Nacional de Defesa da Língua Portuguesa”.

Leia alguns dos argumentos que ele apresenta para justificar o projeto, bem como os textos subseqüentes, relacionados ao mesmo tema.

A história nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre outro se dá pela imposição da língua. [...]

[...] estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da Língua Portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos – como *holding, recall, franchise, coffee-break, self-service* – [...]. E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano [...]

Como explicar esse fenômeno indesejável, ameaçador de um dos elementos mais vitais do nosso patrimônio cultural – a língua materna – que vem ocorrendo com intensidade crescente ao longo dos últimos 10 a 20 anos? [...]

Parece-me que é chegado o momento de romper com tamanha complacência cultural, e, assim, conscientizar a nação de que é preciso agir em prol da língua pátria, mas sem xenofobismo ou intolerância de nenhuma espécie. [...]

Deputado Federal Aldo Rebelo, 1999.

Na realidade, o problema do empréstimo lingüístico não se resolve com atitudes reacionárias, como estabelecer barreiras ou cordões de isolamento à entrada de palavras e expressões de outros idiomas. Resolve-se com o dinamismo cultural, com o gênio inventivo do povo. Povo que não forja cultura dispensa-se de criar palavras com energia irradiadora e tem de conformar-se, queiram ou não queiram os seus gramáticos, à condição de mero usuário de criações alheias.

Celso Cunha, 1968.

Anexo 6

Um país como a Alemanha, menos vulnerável à influência da colonização da língua inglesa, discute hoje uma reforma ortográfica para 'germanizar' expressões estrangeiras, o que já é regra na França. Não é preciso, porém, agir como Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto, que queria transformar o tupi em língua oficial do Brasil para recuperar o instinto de nacionalidade.

No Brasil de hoje já seria um avanço se as pessoas passassem a usar, entre outros exemplos, a palavra 'entrega' em vez de *delivery*.

Folha de S. Paulo, 20/10/1998.

Anexo 7

[...] Political and social stability is something you find in nearly all the English-speaking countries. We all share a strong tradition of democratic government and a respect for the law. You don't find dictators, revolutionaries or many extremists of any kind, as a rule.

Perhaps that's why there are no English words for *fascism*, *coup d'état*, *putsch* or *junta*. These are foreign concepts, so we have to use the foreign words. [...]

"The World of English", in *Speak Up*. São Paulo, Globo, June/1991.

Anexo 8

Would You Like Nachos or the Internet?

By Todd Copilevitz

Rick and Teresa Bent have a curious view of how best to negotiate the Net. "There's nothing like a plate of *nachos* to make learning **Netscape** nice and easy," Ms. Hunt explains. If *nachos* aren't your speed, they can also suggest potato skins, a burger or any of the other several dozen items on the menu at **Rick's American Cyber Grill** in Denton, Texas <http://www.cybergrill.com>

Rick's has become a local gathering place, where the regulars surf the Net, research their competition, market their businesses and help others do the same. On any given day, you'll see a mixture of college students, senior citizens and often families whose children find the computers as attractive as the games at **Chuck E. Cheese's**. Only here, the parents find themselves just as intrigued. On the East and West coasts, cyber coffeehouses and cafés may be all the rage. Typically they are places where the **digitally** cool stop by for an espresso, check their e-mail and show off their **hotlist**.

M.E. Sokolik, *Rethinking America*. Heinle & Heinle. 1999, vol. 2, p. 191.

Glossário

nachos A snack made of *tortilla* chips, cheese, and other ingredients.

Netscape A brand of computer software that permits a user to look at web pages.

Chuck E. Cheese's A popular pizza chain of restaurants, which focuses on serving children; children go there to play games as well as eat pizza.

digitally Related to computers.

hotlist A list of favorite World Wide Web sites; the hotlist is also a web site that contains links to those web pages.

Anexo 9

Trecho dos PCNEM

A tecnologia moderna propicia entrar em contato com os mais variados pontos do mundo, assim como conhecer os fatos praticamente no mesmo instante em que eles se produzem. A televisão a cabo e a Internet são alguns exemplos de como os avanços tecnológicos nos aproximam e nos integram do/no mundo.

Mas nem sempre os indivíduos usufruem desses recursos. Isso se deve, muitas vezes, apenas a deficiências comunicativas: sem conhecer uma língua estrangeira torna-se extremamente difícil utilizar os modernos equipamentos de modo eficiente e produtivo.

Daí a importância da aprendizagem de idiomas estrangeiros. Para estar em consonância com os avanços da ciência e com a informação, é preciso possuir os meios de aproximação adequados e a competência comunicativa é imprescindível para tanto. (p. 152)

Anexo 10

Trechos dos PCNEM

Ao figurarem inseridas numa grande área – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias –, as Línguas Estrangeiras Modernas assumem a sua função intrínseca que, durante muito tempo, esteve camuflada: a de serem veículos fundamentais na comunicação entre os homens. Pelo seu caráter de sistema simbólico, como qualquer linguagem, elas funcionam como meios para se ter acesso ao conhecimento e, portanto, às diferentes formas de pensar, de criar, de sentir, de agir e de conceber a realidade, o que propicia ao indivíduo uma formação mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais sólida. (p. 148)

Não nos comunicamos apenas pelas palavras; os gestos dizem muito sobre a forma de pensar das pessoas, assim como as tradições e a cultura de um povo esclarecem muitos aspectos da sua forma de ver o mundo e de aproximar-se dele. Assim, as similitudes e diferenças entre as várias culturas, a constatação de que os fatos sempre ocorrem dentro de um contexto determinado, a aproximação das situações de aprendizagem à realidade pessoal e cotidiana dos estudantes, entre outros fatores, permitem estabelecer, de maneira clara, vários tipos de relações entre as Línguas Estrangeiras e as demais disciplinas que integram a área. (p. 148)

Anexo 11

[...] A cultura é [...] o processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar, discerne entre elas, fixa as de efeito favorável e, como resultado da ação exercida, converte em idéias as imagens e lembranças, a princípio coladas às realidades sensíveis, e depois generalizadas, desse contato inventivo com o mundo natural.

Vieira Pinto, *Ciência e Existência*, p. 123, apud
Maria Lúcia A. Aranha & Maria Helena P. Martins,
Filosofando – Introdução à Filosofia. São Paulo, Moderna, 1991, p. 5.

[...] Além do pensamento, a linguagem também mantém estreita relação com a cultura. Se, por um lado, as várias linguagens fixam e passam adiante os produtos do pensamento do homem sob a forma de ciência, técnicas e artes, elas também sofrem a influência das modificações culturais. Nas línguas há modificações de repertório e semânticas a partir das novas descobertas e do desenvolvimento da técnica. Nas artes, as reestruturações da linguagem respondem a mudanças de valores, de anseios e de buscas no seio da cultura de cada sociedade.

Maria Lúcia A. Aranha & Maria Helena P. Martins,
Filosofando – Introdução à Filosofia. São Paulo, Moderna, 1991, p. 16.

Anexo 12

Cyber View – Mobilizing the Internet

A November 1999 research report from Cyber Dialogue, an Internet database marketing firm, warned e-commerce companies that they were going to have to work harder in the future: the stampede onto the Internet has slowed in the United States. The survey cites three constraints to growth. First, it takes money to get connected, and many of those off-line simply can't afford Internet access. Second, a third of American adults believe that they have no need for the Internet and have no intention of getting on-line. Third, 27.7 million Americans have tried the Internet – and dropped it; the number is triple that measured in 1997. Only about a third of those individuals expect to go back on-line anytime soon. In other countries the boom continues. Expectations are that usage in China and Latin America is set to explode over the next few years.

Scientific American. March/2000, p. 21.

Anexo 13

Londrinês?!

Os segredos do exótico idioma falado nas ruas da capital inglesa

Ricardo Marques da Silva e Tina Leme

Você está em Londres e ouve um carinha comentar com outro, apontando para o seu lado: "*Oh, boy, she is so sad!*" Não pense que você parece triste. Nem fique *crusty* ou *dead rar*. O melhor é procurar uma boutique maneira e atualizar o guarda-roupa. E, a partir daí, começar a ouvir frases mais agradáveis, como "*She is kosher*", ou, melhor ainda, "*She is cris*", ou "*She is so det*", o que significa que você pode estar realmente *pukka*.

Em todo caso, antes de arrumar as malas vale a pena conhecer a gíria das ruas e dos *pubs* londrinos, para não se confundir. Como em qualquer outro lugar, a linguagem em Londres nem sempre é literal – e nem sempre um bom dicionário é o suficiente. O importante é "*don't give it the large*".

Sad, no caso, em vez de triste quer dizer ultrapassado, *out of fashion*. E tem sentido: para os jovens londrinos, em geral, uma pessoa fora de moda é alguém que não curte a vida – portanto, *sad*. *Crusty* é usado no sentido de estar chateado, "de saco cheio", e *rar* é quando alguém está bravo de verdade. *Dead* apenas enfatiza o pensamento: "*My Dad is dead rar because I got home too late last night*", ou seja, o pai da garota está uma fera porque a festa de ontem extrapolou.

Em compensação, sorria quando alguém disser que você está *kosher*. Essa palavra, que em iídiche designa a comida preparada segundo os preceitos judaicos, foi apropriada pelos jovens ingleses para identificar algo ou alguém *very good*, ou muito legal. E sorria ainda mais se lhe chamarem de *cris* ou *det*: ambos os termos foram inspirados pela comunidade afro-caribenha e podem ser o anúncio de uma bela cantada, significando que você é gatíssima, ou gatíssimo, e está abafando. *Pukka*, então, de origem indiana (pronuncia-se "paca"), é o máximo: indica algo maduro, pronto para comer. "*To give it the large*" é algo como exagerar, dar bandeira. Por exemplo, quando um carinha está dançando piradão demais, fala-se: "*He's giving it the large*".

Anexo 14

Ebonics: A Language Debate

In December of 1996, the Oakland, California Board of Education received nationwide attention after declaring, in essence, that African-American English, or "Ebonics", is not a dialect of American English, but a separate language which has developed from the distinct African-American culture in the United States. Although the Board of Education later retreated from this statement, at the time this classification of Ebonics as a separate language led to the development of an Ebonics policy in the public school system.

Basically, this policy suggests that, rather than banishing African-American English from the classroom, it should actually be used as a tool with which to teach standard English.

The Board of Education said, "Too many African-American children are entering school year after year speaking differently, and it is obstructing their ability to learn. Let's recognize that this is happening." What the board was saying was that students who speak African-American English should not be criticized or harshly corrected, but given special assistance in learning standard English in much the same way as a student who moved from Mexico and spoke only Spanish would receive training in English as a second language. [...]

The Ebonics controversy has divided African-American leaders. Some feel that recognizing that some African-American students who enter school do not speak standard English, is the first step toward helping these students achieve success in school. But other African-Americans, including the Reverend Jesse L. Jackson, said that movement toward Ebonics would limit African-American students' ability to compete for jobs against graduates who speak standard English. On NBC's "Meet the Press," Jackson said, "I understand the attempt to reach out to these children, but this is an unacceptable surrender borderlining on disgrace. It's teaching down to our children and it must never happen."

Anexo 15

Cozinha dos imigrantes – memórias & receitas

Dentre as diferentes formas de memória coletiva, uma das mais persistentes é a memória culinária, com sua variedade de sabores, aromas e cores que resistem ao impacto do tempo e até mesmo ao desenraizamento cultural e geográfico. Por isso, a lembrança dos pratos feitos pelos antepassados ocupa um lugar tão importante nos relatos dos imigrantes, obrigados a se adaptarem a novas relações sociais, novos costumes e, sobretudo, novos hábitos alimentares, quando trocam de país.

O sabor de certos alimentos e a singularidade de certos temperos são um testemunho do passado. Eles reafirmam, pela materialidade dos sentidos, que esse passado a cada dia mais distante não se perdeu, que ele sobrevive na maneira especial de assar o pão, no formato gracioso de biscoitos que marcam as lembranças da infância, ou no odor forte de ingredientes que, não sendo encontrados no novo país, são preparados em casa, impregnando os quartos e corredores da memória. [...]

[...] Por essa razão, *Cozinha dos Imigrantes* é ao mesmo tempo um livro de culinária e um livro de interesse sociológico e antropológico. Um livro de sabor e um livro de saber. Afinal, o alimento sempre poderá ser visto como um código simbólico que organiza a produção econômica e as relações sociais dos mais diversos grupos. O valor econômico de um alimento é dependente de seu valor social, pois a prática alimentar revela a classe de quem a consome e mapeia o imaginário e a história de sua comunidade. É assim, por exemplo, que em determinadas sociedades a carne de coelho é índice de escassez, enquanto em outras é signo de sofisticação, ocupando lugar nobre nos cardápios da alta cozinha.

As distinções sociológicas feitas a partir da cultura gastronômica têm se tornado fundamentais nas ciências sociais contemporâneas. Elas servem para demarcar esferas de civilidade e de segregação social expressas por meio da etiqueta à mesa, dos padrões de bom gosto e da qualidade dos ingredientes. E o que é válido no interior de uma socie-

Anexo 15

dade mais fechada será válido também para o imigrante, que estabelece a ponte entre diferentes culturas. Pois se o imigrante carrega para seu novo destino os hábitos de sua terra nativa, logo ele é obrigado a se adaptar a novas formas de sociabilidade e trabalho, permanecendo a culinária como marca de resistência à aculturação absoluta.

Inferiorizado, o imigrante tem na comida uma despensa simbólica que garante a autonomia de sua subjetividade. Tão logo ele consegue romper as barreiras da segregação material, porém, seus costumes mudam de estatuto para a sociedade que o acolhe: a polenta, por exemplo, prato que simboliza a privação dos períodos de guerra, passa a ser servida como iguaria por uma comunidade de italianos que agora integram a elite industrial paulistana.

Mais do que isso, porém, a culinária representa um amplo arsenal de identidades que, por não se diluírem no contato com o outro, mantêm a tensão da alteridade, do convívio multicultural que resiste aos efeitos pasteurizadores da globalização. [...]

[...] E a melhor forma de dar voz a essa diversidade de experiências é certamente o relato oral do imigrante que vive a angústia do desterro – voluntário ou imposto –, que se vê obrigado a assimilar hábitos estranhos, que deve aprender uma nova língua para sobreviver e que, para completar, desembarca num lugar em que se come arroz com feijão e banana.

Mas o fato é que praticamente todos esses imigrantes acabaram por partilhar os mesmos gostos que os “brasileiros” – ou melhor, tornaram-se brasileiros acrescentando sabores a uma tradição que já em sua origem colonial era miscigenada, fruto do encontro de paladares portugueses, indígenas e negros. Como resultado, temos em *Cozinha dos Imigrantes* uma espécie de “multiculturalismo culinário” que caracteriza a mesa brasileira.

Anexo 16

Cada povo tem o seu...

Na Sibéria, segundo a lenda, as mulheres tártaras faziam uma grande quantidade de pequeninos pastéis recheados, que depois enterravam na neve. Assim que ouviam o trotar dos cavalos, trazendo os maridos de volta, bastava abrir a janela da cozinha, encher as mãos de *pelhmenys* e cozinhá-los em água fervente. Por sorte, quando os cossacos saquearam os tártaros, tiveram o bom senso de salvar a receita. Em toda a Ásia, grande parte da Europa e Oriente Médio, são encontrados pasteizinhos muito semelhantes, sempre feitos com massa não-fermentada, mas ligeiramente diferenciados quanto ao recheio e formato. Na Ucrânia, eles se chamam *varenickes*; na China, *giotze*; na Armênia, *boraks*; entre os judeus *asquenazim*, *kreplach*. O equivalente ocidental, como se deduz facilmente, é o popular *capelleti* italiano em suas distintas opções regionais.

Minha mãe continuou fazendo repolho azedo e outras conservas, em um barrilzinho. Depois foi adaptando: fermentava a couve e fazia conserva de machucho.

Fanny Fayntych, filha de imigrantes poloneses.

Minha mãe aprendeu a cozinhar com a tia húngara, adaptando os pratos às difíceis condições financeiras de sua vida de imigrante.

Lenina Pomeranz, neta de imigrantes poloneses.

Anexo 17

Persian Rugs

There is an old saying in Iran, "Where my carpet is, is my home." Rugs have always played a very important role in Iranian life. Besides covering the floors of the home in a kaleidoscope of patterns, the rugs decorate the mosques and provide color for festivals, much as flags or streamers do. Prayer rugs protect the Moslem worshiper from dirt, while woven rugs close off the entrance to the nomads' tents, providing a shield from the wind and a bright contrast to the drabness of the stark desert. Silk rugs make elegant walls and table coverings and Persian carpets were once even used to pay taxes!

Although a majority of the rugs are woven in factories throughout Iran, more than a third are made by nomadic families, each known for their original designs. These include members of the Bakhtiari, Turkoman, and Qashqai tribes. Each district gives its name to a particular style for which it has become famous. The rugs, both old and new, are highly prized throughout the world, with prices varying according to the size and quality. Collectors will pay well over seven thousand dollars for a Kashan, and forty-five thousand for a Tabriz! Each year seventeen million dollars' worth of carpets is shipped to the United States alone.

Storytelling

Storytelling is an old tradition in Nigeria. Families often gather in their compounds in the evenings listening for hours to folktales that have been passed down from father to son for generations. The qualities of humor, fantasy and exaggeration give these stories universal appeal. Some are about superstition and magic or how the world came to be; others have frightening or violent themes; some describe heroes and tricksters; and many are fables with animals as the leading characters, a favorite among them being the tortoise known for his wisdom.

Ann Cole, Carolyn Haas, Elizabeth Heller & Betty Weinberger,
in *Children Are Children Are Children*.
Boston/Toronto, Little, Brown and Company, 1978, pp. 84 e 166.